

A difícil arte de pensar com o corpo em público

JORGE PALINHOS

Carlos Costa, *Vens Ver ou Vens Viver? Estética e política da participação*, Paris, Nota de Rodapé, 2015, 262 pp.



Visualize-se um restaurante de fado do Bairro Alto, semelhante a qualquer outro restaurante turístico de Lisboa com noite de fados. Nele, um grupo de mulheres estrangeiras, de meia-idade, conversa e ri-se em volta da mesa de jantar. O motivo do riso é um telemóvel que passa de mão em mão, com que tiram *selfies* e discutem fotografias de si próprias. Um dos fadistas de serviço do restaurante começa a cantar. As mulheres baixam o tom de voz, nitidamente contrariadas, e esforçam-se por controlar as gargalhadas, que voltam mal a melancólica canção termina. Na mesa ao lado sentam-se outros turistas, de idade mais jovem, de ambos os sexos. Antes da ementa, pedem a senha de *Wi-Fi* ao empregado de mesa. Cada um tecla no telemóvel, enviando mensagens, provavelmente sobre as maravilhas de estar em Lisboa, enquanto ignoram a comida e o fado. Já voltaremos a eles.

Vens Ver ou Vens Viver? Estética e Política da Participação é um livro de Carlos Costa onde este destila a sua tese de doutoramento, na área dos Estudos Teatrais e Performativos, apresentada à Universidade de Coimbra. O autor é docente em Estudos Artísticos na Universidade de Coimbra, cofundador e codiretor da companhia Visões Úteis, e presidente da direção da Associação Plateia. Este livro organiza-se em três áreas principais. No primeiro capítulo, Carlos Costa mapeia práticas e ideias sobre o teatro e as artes performativas, desde a Antiguidade até aos nossos dias, e identifica vários desvios que marcariam a contemporaneidade: o presentismo, a política, a presença, a neurologia, a relação e prática social. Segue-se uma segunda parte sobre o papel da narrativa, performance e espaço público na ideia de participação, onde se sugere uma desconfiança pelo papel comercial que pode ser desempenhado pelas narrativas, e aponta a performance enquanto estratégia de conquista do espaço público. Na terceira parte são elencados casos pessoais que cruzam as ideias de participação, espaço público e narrativa, tentando destrinçar as suas diferenças e especificidades.

É um livro de fôlego, que toca um grande número de áreas, evitando deliberadamente centrar-se em teorias específicas, embora tenha como

bússolas evidentes as obras de Nicholas Ridout, Erika Fischer-Lichte e Hans-Thies Lehmann. É por isso, antes de tudo, uma visão panorâmica, e não vertical, da relação entre as artes performativas, a participação e o espaço público. Há, no entanto, várias singularidades no conteúdo que vale a pena discutir: por um lado, é um trabalho acadêmico que se apresenta como vivido e não como visto. Ou seja, não é fruto somente de uma contemplação e pesquisa intelectuais, mas também resultado assumido de circunstâncias que rodearam o autor durante a elaboração da tese. Tal surge de forma vincada nas passagens em que ele menciona que enquanto redigia certas linhas tal evento estava a decorrer, pelo uso de testemunhos pessoais, trocas de *e-mails*, eventos presenciados ou casos anedóticos a que são atribuídos sentidos dentro do âmbito da tese, e que podem ir desde o estilo retórico de Barack Obama até à razão de o Salão Nobre do Teatro Nacional São João ter cortinados.

Outra singularidade são os casos práticos analisados. Carlos Costa elenca um grande número de casos que ponderou inicialmente investigar e acabou por deixar de lado. Estes iam dos artigos sobre teatro do jornal *Público* até à comunidade da Igreja Universal do Reino de Deus ou de um clube de *striptease*. Costa afirma que os rejeitou a todos por não serem específicos da sua própria vivência pessoal. Ou seja, estamos perante um trabalho acadêmico que, tal como faz em relação às artes performativas, levanta também a interrogação se os trabalhos académicos não deverão ser necessariamente documentais e autobiográficos, sob o risco de não transmitirem o conhecimento «do corpo», que está subjacente ao argumento sobre a importância da participação.

Apesar da amplitude temática que mencionei, há também ideias que persistem ao longo do livro. Uma delas é a rejeição do teatro mimético, «enganador» e intelectual, de quarta parede, que teria sido denunciado pela performance arte, nomeadamente pela «obra e figura tutelar de Marina Abramović» (pp. 61-62). Todavia foi a própria artista quem, num artigo de 2010 para a revista *The New Yorker*, marcou as distâncias da irrepetibilidade e total identificação com o real, datadas dos «anos 70», e se ocupa hoje a criar um espaço onde as suas performances possam ser apresentadas através de técnicas de teatro convencional.

Outra inquietação que perpassa o livro é a comercialização da imersão/participação. Se originalmente esta era vista como algo que ultrapassava o teatro de quarta parede, e se erguia como desafio aos valores capitalistas, sendo por isso relevante enquanto prática artística e pública, Carlos Costa reconhece que hoje as ideias de imersão

e participação se tornaram convencionais e até apetecíveis comercialmente, com a ideia de «experiência» não só a tornar-se um conceito de *marketing*, como até um *pack* à venda em estabelecimentos comerciais ou mesmo roteiros turísticos. É por isso que um dos casos contemplados na obra é o Festival do Sudoeste 2010, cujo lema era justamente «Vens ver ou vens viver?». Esse problema leva Costa a insistir na importância de distinguir verdadeiras experiências de participação em comunidade das experiências comerciais, embora no meu entender tal distinção não chegue a ser concretizada.

Volto agora ao cenário que eu próprio presenciei e partilhei no início deste texto. Mesmo numa experiência de participação tão comercial e artificial quanto um restaurante de fado, para turistas no Bairro Alto, os seus participantes parecem menos interessados em distinguir a autenticidade da experiência, e mais em darem-se a «ver» enquanto «vivem» a experiência, ou seja, representam de forma enganadora a sua própria vida. E aí não se distinguem muito do teatro de quarta parede do século XVIII, cujo público se importava antes de tudo em ver-se e dar-se a ver no teatro – com binóculos, nos camarotes ou nos intervalos. E este é um terceiro e importante vetor no conceito de participação e espaço público que me parece insuficientemente explorado neste livro: a importância e papel do dar-se a ver enquanto se participa.

Vens Ver ou Vens Viver? é uma obra desafiadora e cativante, cujo entendimento não pode ser desligado do singular percurso artístico da companhia Visões Úteis, que o autor dirige, e traça um panorama abrangente e perspicaz das visões e vivências do teatro, do pensamento teatral e da sociedade portuguesa do virar da primeira década do século XXI.